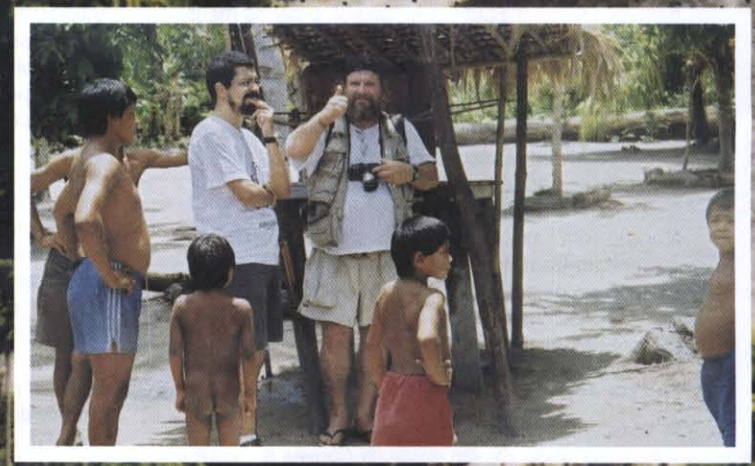
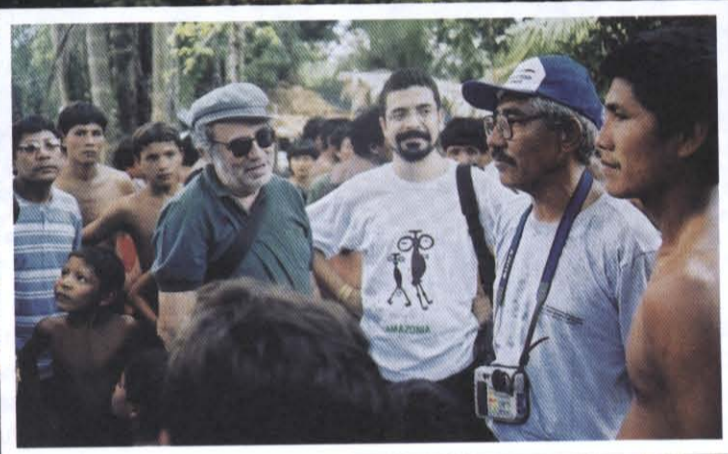


WAIMIRI



**Um povo feliz,
longe da influência
dos brancos**

ATROARI



Os Waimiri-Atroari bem que poderiam lançar um candidato à Presidência da República.

Quem sabe assim os brasileiros aprenderiam um pouco mais sobre o respeito aos antepassados, o ensinamento aos jovens, o trabalho em comunidade e ainda sobre a forma de se tornar um povo auto-sustentável que poupa economias para garantir o futuro de sua nação. Essas são algumas entre as muitas lições que o povo indígena Waimiri-Atroari pode, com maestria, ensinar aos brancos que vivem abaixo da linha do Equador.

Entrar na área do povo Waimiri não é tão fácil como muitos imaginam. Pelo contrário, cabe ao conselho de líderes das 19 aldeias existentes nos 2,5 milhões de hectares totalmente preservados no coração da Floresta Amazônica decidir quem pode e quem não pode visitar a área. "Não nos interessa servir de objeto de curiosidade dos brancos e nem ser ponto turístico para estrangeiros", revela o orgulhoso cacique Mário.

Conseguimos autorização para visitar a reserva dos Waimiri-Atroari depois de quase três meses de insistentes pedidos por parte do jornalista da revista Veja,

Leonardo Coutinho. Convidado pela Eletronorte, logo depois da premiação da Fundação Coge, que considerou o programa a melhor ação ambiental entre as empresas de energia do Brasil, Leonardo fez uma extensa carta endereçada ao cacique Mário. O repórter justificava o desejo de mostrar ao resto do País, por meio de uma matéria jornalística, a qualidade de vida dos Waimiri, um povo que foi quase dizimado nas décadas de 70 e 80, quando o governo militar decidiu construir a BR 174, que liga Manaus, no Amazonas, a Boa Vista, em Roraima.

TXAMYRY: RESPEITO AOS MAIS VELHOS

– A matéria ainda não foi publicada pela revista Veja, a despeito da competência do jornalista Leonardo Coutinho e do premiado fotógrafo Pedro Martinelli, que há 30 anos descreve a luta dos povos indígenas brasileiros pela sobrevivência. Pedro e Leonardo se emocionaram durante todo o tempo em que estiveram visitando a Aldeia Paryry, onde foram recebidos por mais de 500 índios Waimiri-Atroari. "Aquilo que se faz de bom no País nunca

é mostradô pela imprensa. Se algum índio tivesse sido morto ou se sofressem maus tratos, com certeza isso seria notícia para a imprensa nacional", desabafa o indigenista José Porfírio Carvalho, idealizador dos programas Waimiri-Atroari no Amazonas e Parakanã, no Pará. Ele deixa de ser Porfírio Carvalho quando entra na área preservada dos Waimiri. *Txamyry*, ou "o velho" é como é chamado o indigenista por todos na reserva. É um sinal de respeito que os jovens têm por aquele que foi o responsável pela sobrevivência de uma nação considerada a mais valente entre as demais que sobrevivem nas terras brasileiras.

O primor do trabalho realizado por toda equipe que integra o Programa Waimiri-Atroari começa em Manaus. Uma bela e confortável sede abriga os índios que necessitam se deslocar para a capital, quer seja para tratamento de saúde ou para fazer compras para levar para a reserva. Na sede há um médico de plantão, assistentes sociais, uma loja para venda do artesanato indígena e, é claro, malocas construídas no terreno da casa para que as saudades da tribo sejam abrandadas.



ESTRADA É MOTIVO DE CONFLITO

– Da sede em Manaus até o Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari (Nawa), na divisa do Amazonas com Roraima, são quase três horas de viagem por terra. A BR 174 é asfaltada e corta a floresta, proporcionando uma bela paisagem para quem trafega por ela. Logo depois de atravessar o Rio Alalau, que faz a divisa entre os dois estados, chegamos ao Nawa, que surpreende pelo conforto de suas instalações.

Computadores ligados em rede, rádios-comunicadores ajudam a fiscalizar a estrada, que é fechada pelos próprios índios às 18 horas e reaberta às seis horas da manhã.

A estrada corta a reserva dos Waimiri-Atroari e é constante motivo de conflitos entre índios e brancos, principalmente os militares da Região Amazônica. Fechando a estrada, os índios querem evitar o tráfego noturno que é nocivo à sobrevivência de animais da reserva. As onças, por exemplo, escolhem o final da tarde para atravessar a reserva em busca de caça. Se algum motorista decidir transpor as barreiras que evitam a passagem, são imediatamente interceptados por equipes de vigilantes, compostas por brancos e índios.

FLORESTA, MUITA

FLORESTA – Do Nawa até a Aldeia Paryry, o trajeto foi feito por helicóptero. Foram 40 minutos de vôo sobre uma paisagem inimaginável para a maioria dos habitantes do planeta. Floresta, muita floresta por todo o trajeto. Em alguns trechos a vegetação chega a lembrar a caseira couve-flor ou o formato de vários “brócolis” juntos. Para colorir, o vôo livre de dezenas, talvez centenas de araras azuis e vermelhas que se assustam com o barulho do helicóptero.

Durante o sobrevôo, é possível observar de cima a beleza do formato das aldeias, onde predomina uma enorme maloca com vários pequenos núcleos ao redor. Em

todas as aldeias já estão instalados kits de energia solar, uma das propostas do programa, para que seja mantida energia firme que garanta o funcionamento de geladeiras, onde são guardadas vacinas e também para que haja iluminação noturna nas escolas. Mulheres e homens adultos que passam o dia trabalhando no roçado ou na caça reivindicaram o direito de estudar à noite, após as atividades. Principalmente por isso foram instalados os kits solares. O helicóptero pousa em uma dessas aldeias, às margens do Rio Alalau.

CHEGADA À ALDEIA

PARYRY – Para chegar à Aldeia Paryry, onde estava sendo construída a grande maloca – um ritual que reúne caciques, mulheres e crianças de todas as aldeias – só se é possível prosseguir de barco. O percurso é deslumbrante e é feito pelo Rio Alalau até sua foz, no Rio Jauaperi, de uma beleza estonteante. São outros 40 minutos de percurso, cortando a floresta.

A chegada em Paryry é uma surpresa. Um longo deck construído sob a copa das árvores leva ao núcleo da aldeia. A primeira imagem é a de centenas de crianças, de todas as faixas etárias que, curiosas, se aproximam dos visitantes. Obedecendo ao ritual, os caciques ficam assentados para receber o cumprimento dos visitantes. As atividades param quando brancos visitam uma das 19 aldeias dos Waimiri-Atroari. As crianças ficam encantadas com “os casos” contados pelos brancos. Quase todas falam português. Elas são alfabetizadas na língua materna e em português.

A visita dos brancos serve de matéria escolar para os pequenos *kinja* (índios na língua Waimiri-Atroari). Os *kaminja* (brancos) se misturam à comunidade: experimentam a prática do arco e flecha, comem o biju feito pelas mulheres, experimentam as frutas nativas e percorrem as trilhas do roçado onde as mulheres trabalham durante todo o dia.

CRIANÇAS, MUITAS CRIANÇAS

– Durante todo o tempo são cercados por crianças, muitas crianças. A população Waimiri-Atroari é, em sua maioria, composta por jovens e crianças, alegres e saudáveis. Não existe doença entre eles. A vacinação atinge 100% da população. Na época em que a Eletronorte assumiu o Programa Waimiri-Atroari sobreviviam apenas 274 índios. Acometidos por uma epidemia de sarampo, estavam condenados à morte e ao conseqüente desaparecimento. De 1988 para cá, depois da criação do Programa, eles triplicaram sua população.

Os Waimiri-Atroari surpreendem mais uma vez: no final da tarde reúnem os brancos visitantes na maloca que abriga a escola e solicitam a cada um dos visitantes que expliquem os motivos que levaram-nos a visitar a reserva indígena. Cada um dos brancos é provocado a falar. Em seguida é a vez dos *kinja* falarem.

E são as mulheres que predominam. Todas revelam a lembrança de um passado onde seus ancestrais foram mortos pelos brancos. Avisam que são felizes e que não desejam a permanência de *kaminja* em suas terras. Não esquecem os agradecimentos ao presidente da Eletronorte, José Antonio Muniz Lopes, pelo apoio dado ao Programa e revelam toda gratidão ao *Txamyry*, a quem consideram o salvador da nação Waimiri.

No final da visita, homens, mulheres e principalmente crianças acompanham os brancos até os barcos. Agradecem a visita e avisam que não querem ouvir os brancos falarem inverdades sobre o povo Waimiri-Atroari. Para os que embarcam, fica na retina a imagem de crianças lindas, saudáveis e, sobretudo, felizes dando adeus aos visitantes na beira do Rio Jauaperi, que dá peixe, que acolhe o nado da menina e que protege os Waimiri-Atroari da invasão dos brancos. ©

[Na próxima edição, aprenda um pouco do alfabeto dos Waimiri-Atroari e conheça o jornal editado pelas crianças das aldeias]